

ORIENTAÇÕES DE ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO ATÉ O SEXTO MÊS DE VIDA

Edvânia Maria de Andrade¹

Hosana da Silva Louback²

Ana Maria dos Santos Silva Albuquerque³

RESUMO

Conforme preconiza a Organização Mundial da Saúde o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida do bebê deve ser o principal alimento, pois alimentação adequada nessa fase é essencial para manter a saúde, o crescimento e o desenvolvimento infantil. Entre os tipos de alimentação, o aleitamento materno (AM) é considerado pela Organização Mundial de Saúde como uma das cinco Ações Básicas de Saúde no combate à desnutrição e contribui grandemente para melhoramento das condições de saúde da população infantil. O AME é uma eficaz estratégia para fortalecimento do vínculo entre a mãe e o bebê, além disso, protege a criança de inúmeras doenças e reduz a morbimortalidade infantil. O objetivo desse estudo é salientar a importância das orientações de enfermagem no aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida. A pesquisa foi feita baseada em artigos científicos bibliográficos que tratam do tema em questão. A partir desses estudos pode se concluir que o aleitamento materno traz muitos benefícios para a criança, portanto, sua prática deve ser incentivada pelos profissionais de enfermagem desde o acompanhamento do pré-natal uma vez que muitas mulheres deixam de amamentar o bebê ainda nos primeiros dias de vida devido aos problemas de lactação que são frequentes após o pós-parto.

Palavras-chave: Aleitamento materno exclusivo. Amamentação. Enfermagem. Pré-natal. Sexto mês de vida.

NURSING GUIDELINES FOR EXCLUSIVE BREASTFEEDING UNTIL THE SIXTH MONTH OF LIFE

ABSTRACT

As advocated by the World Health Organization, exclusive breastfeeding up to the sixth month of the baby's life should be the main food, since proper nutrition at this stage is essential to maintain health, growth and child development. Among the types of diet, breastfeeding (BF) is considered by the World Health Organization as one of the five Basic Health Actions to combat malnutrition and contributes greatly to improving the health conditions of the infant population. EBF is an effective strategy for strengthening the bond between mother and baby, and protects the child from numerous diseases and reduces infant morbidity and mortality. The objective of this study is to emphasize the importance of nursing guidelines on exclusive breastfeeding until the sixth month of life. The research was based on bibliographical scientific articles that deal with the theme in question. From these studies it can be concluded that breastfeeding has many benefits for the child, therefore, their practice should be encouraged by nursing professionals since prenatal care since many women stop breastfeeding the baby in the early days of life due to lactation problems that are frequent after postpartum.

Keywords: Exclusive breastfeeding. Breast-feeding. Nursing. Prenatal. Sixth month of life.

¹ Graduanda em Enfermagem. E-mail para contato: vaniaarthurmax@gmail.com

² Graduanda em Enfermagem. E-mail para contato: hosana1774@gmail.com

³ Bacharel em Enfermagem. Docente da Faculdade Estácio de Carapicuíba.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF 2017) preconiza o início precoce da amamentação, dentro de uma hora após o nascimento, protegendo o recém-nascido de infecções e reduzindo a mortalidade neonatal.

O aleitamento materno é recomendado até os dois anos de idade, e nos primeiros seis meses de vida o lactente deverá receber exclusivamente o leite materno, sem a necessidade de complementar com outros alimentos, após o sexto mês de vida, o leite materno serve como um complemento nutricional (DADALTO; ROSA, 2017).

A importância do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida é importante para o bom desenvolvimento da criança e traz benefícios para mãe. É fundamental que a criança seja amamentada nos primeiros meses de vida, para que o processo de crescimento e desenvolvimento ocorra de forma adequada. Dessa forma, a criança cresce saudável, pois o impacto positivo da amamentação se estende até a vida adulta. Compreendendo os benefícios da amamentação tanto para o bebê quanto para a mãe qual a importância das orientações da equipe de enfermagem para a prevalência do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida?

As orientações de enfermagem quanto ao aleitamento materno exclusivo são fundamentais na promoção de sua prática, pois é importante que as mães tenham consciência da importância da amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida e saibam o que fazer para evitar o desmame precoce.

Estudos apontam que a amamentação é muito mais que nutrição, promovendo interação entre mãe e filho, prevenções de infecções gastrointestinais, desnutrição e ajuda no desenvolvimento cognitivo e emocional. O aleitamento materno também traz benefícios a puérpera, reduzindo o peso rapidamente após o parto, além de ajudar na recuperação do útero para o seu tamanho normal e diminui o risco para hemorragia e anemias após o parto, apontam também que reduz o índice de câncer de mama e de ovário (BRASIL, 2018).

Fernandes (2016) mostra que as evidências científicas pertinentes e recomendações para a amamentação exclusiva evoluíram nas últimas décadas, estimando que em 2015 a expansão da prática da amamentação em 75 países poderiam prevenir assim 823.000 mortes de crianças e 20.000 mortes de mulheres a cada ano, onde corresponde 15,8% das mortes de crianças com menos de dois anos.

O aleitamento materno nas primeiras horas de vida é primordial para o recém-nascido, sendo um fator protetor para a mortalidade neonatal, isso corresponde aos quatro passos amigos da criança (IHAC), porém, o contato precoce entre mãe e filho facilita a redução da hipotermia e sepse (ANTUNES 2017).

O Ministério da Saúde preconiza que o leite materno é um alimento completo. Desse modo, recomenda exclusivamente sua oferta até seis meses de vida. Portanto, o lactente não necessita de nenhum outro tipo de alimento como: chá, suco, água ou outros leites (UNICEF 2017).

Falar do aleitamento materno exclusivo é de grande importância considerando os benefícios advindos desta prática tanto para o bebê quanto para a mãe. Muitas mães desconhecem a necessidade e importância da amamentação nos primeiros meses de vida e por isso acabam não amamentando seus filhos. Estudar este tema é fundamental para que se tenha consciência do quanto à amamentação é necessária para o bom desenvolvimento da criança e para a prevenção de doenças.

O objetivo geral deste estudo é salientar a importância das orientações de enfermagem no aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida. Os objetivos específicos são: mostrar os índices de aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida; Identificar os benefícios advindos do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida.

1 METODOLOGIA

Este é um estudo denominado revisão bibliográfica, sendo uma pesquisa descritiva exploratória. Para que o trabalho fosse realizado a pesquisa foi feita em

sítios da Internet, sendo o principal deles o ScIELO, e as palavras chaves utilizadas foram: Aleitamento materno exclusivo. Amamentação. Enfermagem. Pré-natal. Sexto mês de vida.

A coleta foi realizada entre os meses de junho e outubro de 2019.

Foram considerados como critérios de inclusão: artigos que abordaram o tema amamentação exclusiva publicados no período dos últimos 13 anos (2005 a 2018). Foram considerados critérios de exclusão: artigos publicados anteriormente e que não abordavam diretamente o tema em questão.

Para análise dos textos escolhidos para realização da pesquisa, foram identificadas ideias fundamentais que orientaram a pesquisa, como a importância das orientações de enfermagem no incentivo ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Amamentar é um ato natural, contudo, para que a amamentação ocorra vai depender de inúmeros aspectos. Algumas mulheres sentem dificuldade em amamentar devido a alguns fatores que vão desde o significado que as mães atribuem ao corpo até a importância do leite materno para o bebê. Além disso, as circunstâncias econômicas, culturais e sociais também influenciam para que a amamentação aconteça (MEDEIROS et al., 2017).

Devido à importância do Aleitamento Materno já existem diversas campanhas voltadas para o incentivo à amamentação as quais buscam apoiar as mães e familiares para a prática do aleitamento desde o período do pré-natal. Essas campanhas tem favorecido o Aleitamento Materno por um período maior, pois as mães tem compreendido sua importância para o bem estar do bebê (COCA et al., 2018).

2.1 ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E SEUS BENEFÍCIOS

Nos primeiros anos de vida a criança cresce e se desenvolve de forma muito rápida e a alimentação tem um papel de grande importância nesse

processo, contribuindo para que tudo ocorra de modo adequado sem prejuízos à saúde. Portanto, o aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses é de extrema importância e trará benefícios incontáveis que se estenderão por toda a vida da criança (LOPES et al., 2018).

Segundo o estudo feito por Toryiama et al. (2017) a prática do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida proporciona boas condições de saúde para a criança, reduzindo a incidência e gravidade de enfermidades próprias da infância e a mortalidade infantil.

Além disso, pode-se constatar que o aleitamento materno traz inúmeros benefícios que se estenderão até a vida adulta, tais como, coeficiente de inteligência, desempenho escolar, etc., sendo vantajoso para as famílias e a sociedade.

Barbosa et al. (2018) ressalta que a amamentação traz benefícios que são irrefutáveis tanto para o bebê quanto para a mãe. O autor salienta que o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses contribui de forma considerável para que a morbimortalidade infantil seja reduzida e diminui as chances de desenvolvimento de algumas doenças que são comuns durante a infância, tais como pneumonia e diarreias.

Tanto a Organização Mundial da Saúde (OMS), quanto o Ministério da Saúde do Brasil enfatizam a importância do Aleitamento Materno de maneira exclusiva nos primeiros seis meses de vida do bebê, sendo que a partir do sexto mês o leite materno deve se constituir um alimento complementar devendo ser estendidos pelo menos até os dois anos de idade da criança (FERREIRA et al., 2018).

Contudo, mesmo trazendo muitos benefícios a prevalência do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses não atinge 40% das crianças, quando se trata de nível mundial (RIGOTTI; OLIVEIRA; BOCCOLINI, 2015).

No Brasil a situação não é muito diferente, pois a prevalência de aleitamento materno exclusivo até o sexto mês atinge 41%, sendo superior aos 3% registrado na década de 1980. Certamente este aumento é resultado dos investimentos em políticas públicas que tem a finalidade de promover o AM, desse

modo, resultou em melhorias nos seus indicadores a nível nacional (TORYIAMA et al., 2017).

Percebe-se que os avanços da prática de aleitamento materno mostram que há um comportamento heterogêneo entre as capitais e demais regiões do Brasil. A prevalência de aleitamento materno exclusivo até o sexto mês varia de 27% em Cuiabá e 56% em Belém, tendo duração média de 0,7 a 88,8 dias.

Quanto à duração do aleitamento materno há uma oscilação de 293 dias (3,1 meses), em São Paulo há 601 dias, ou seja, 20 meses em Macapá. Este comportamento diverso mostra que deve haver a realização de pesquisas locais com a finalidade de avaliar e monitorar os indicadores e determinantes de cada região brasileira, considerando que o estabelecimento e manutenção do aleitamento materno vão depender da influência das características familiares, maternas, infantis e socioeconômico-culturais de cada povo, como idade, renda familiar, situação conjugal, escolaridade, sexo, trabalho materno, peso ao nascer, etc. (OLIVEIRA et al., 2013).

O estudo mostrou que as ações de incentivo ao aleitamento materno também são determinantes para a promoção de sua prática, assim fica claro a importância das orientações dadas pelo enfermeiro durante o pré-natal, maternidade e puericultura (ROLLINS et al., 2016).

Na década de 2000, foi feito um estudo em um pequeno município do Estado de São Paulo, no qual foi identificada a prevalência de aleitamento materno em 41% das crianças com menos de dois anos e de 13% de aleitamento materno exclusivo em crianças de até seis meses, tendo uma duração média de 7,2 meses de aleitamento materno e de 28 dias de aleitamento materno exclusivo (MINAGAWA et al., 2005).

Durante a década de 2000 houve avanços e políticas públicas que promovem e apoiam o aleitamento materno foram implementadas, também ocorreu à expansão da atenção básica, assim, novo estudo foi realizado a respeito das condições de saúde no referido município, com isso foi considerado oportuno analisar as mudanças que ocorreram em relação à prevalência, duração média e determinante do aleitamento materno entre os anos de 2001 a 2013 (TORYIAMA et al., 2017).

O estudo mostrou que a prevalência e duração média do aleitamento materno aumentaram durante o período analisado, quanto aos determinantes de duração não houve alteração e as ações que incentivam o aleitamento materno (orientação sobre aleitamento materno no pré-natal e parto, aleitamento materno exclusivo na maternidade, aleitamento materno na primeira hora de vida, acompanhamento de puericultura etc.) tiveram efeito positivo na duração média em 2013.

Vale ressaltar que o primeiro estudo realizado foi de base populacional, feito com amostra representativa de 261 crianças com menos de dois anos. O segundo estudo foi feito em 2013, sendo um projeto mais amplo e passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Processo nº 193.468), onde foi avaliada a saúde e nutrição de 350 crianças com menos de dois anos cadastradas nas UBSs (TORYIAMA et al., 2017).

O estudo realizado no município de SP identificou que entre 2001 e 2013 houve um aumento significativo da prevalência de aleitamento materno exclusivo ($p < 0,05$) acréscimo de 40,8% em crianças com menos de quatro meses e 33,4% nas crianças que tinham menos de seis meses, assim a prevalência em 2013 foi de 58, e 46,1%. Desse modo, é possível constatar que as orientações do enfermeiro são necessárias e contribui para promoção do aleitamento materno exclusivo.

Os resultados deste estudo estão de acordo com as constatações de pesquisas nacionais realizadas nos últimos anos as quais analisaram a tendência do aleitamento materno e constataram o aumento na prevalência e duração média. O estudo mostrou que a prática de aleitamento materno exclusivo em crianças com menos de seis meses aumentou significativamente entre 2001 e 2013 no referido município.

No estudo realizado mais recentemente identificou-se que a prevalência de aleitamento materno exclusivo em crianças com menos de seis meses (46,1%) foi maior do que a identificada em 2008, sendo que na cidade de São Paulo foi de 39,1% e na região Sudeste 39,4%. Mesmo com esses resultados este não é ainda o ideal, pois de acordo com a Organização Mundial da Saúde só é classificado como boa quando a prevalência atinge taxa de 50%.

Em contrapartida o aleitamento materno aumentou e foi prolongado entre os anos de 2001 a 2013, sendo que o aleitamento materno teve aumento expressivo em crianças entre seis e nove meses e também entre as de 12 a 15 meses. Importante ressaltar que a última faixa etária é a que a OMS recomenda como indicador de continuidade para o aleitamento materno.

Mesmo com o aumento, os percentuais ainda são inferiores apesar da prevalência de 87,6% de aleitamento materno em crianças com menos de seis meses e de 47,5% nas que tem entre 12 a 15 meses no Brasil em 2006.

Em 2013 a duração mediana do aleitamento materno passou para 12 meses, desse modo, se considera que se constitui importante avanço quando se analisa a situação *in loco*, contudo, a mediana continua sendo considerada muito ruim conforme os parâmetros da OMS. Para a OMS é classificado muito ruim quando a mediana é de 0 a 17 meses; ruim entre 18 a 20 meses; bom, quando é de 21 a 22 meses e muito bom, de 23 a 24 meses.

Apesar de os números não corresponder ao esperado, às taxas de aleitamento materno exclusivo no Brasil e no município em que a pesquisa foi realizada, são bem melhores em comparação com outros países, como Estados Unidos e China.

Margotti e Margotti (2017) realizaram um estudo no hospital amigo da criança em Belém, capital do Pará. Neste estudo foram estudadas 414 binômios mãe-bebê, sendo que os bebês nasceram nos anos de 2015 e 2016. As mulheres alvo do estudo tinham idade entre treze e 41 anos e foram observadas durante 11 meses, de novembro de 2015 a setembro de 2016.

A escolha do local para realização da pesquisa foi por se tratar de um lugar que tem como finalidade mobilizar os profissionais da saúde e demais funcionários para que as mães sejam orientadas no processo de amamentação e com isso o desmame precoce seja prevenido.

Os hospitais que são credenciados como Amigo da Criança são locais em que as equipes da área da saúde são treinadas para a promoção do aleitamento materno. Sua principal finalidade é garantir que o aleitamento materno exclusivo aconteça nos primeiros seis meses de vida do bebê. Para tanto ofertam condições para que a puérpera continue tendo o direito a amamentar, assim, oferecem

acompanhamento, orientação e informações que as mães precisam para que haja sucesso no processo de aleitamento materno (MARGOTTI; EPIFANIO, 2014).

A Fundação para as Ações Unidas para a Infância (UNICEF) recomenda que a criança tenha contato com a mãe logo ao nascer, considerando os vários benefícios a curto, médio e longo prazo para a criança e sua mãe. Nos primeiros minutos de vida a criança passa por um período de inatividade alerta, podendo ter duração de 40 minutos, assim, o contato do recém-nascido com a pele da mãe favorece os níveis dos batimentos cardíacos e respiração do bebê, além de desenvolver o vínculo efetivo e facilitar o processo de amamentação (COCA et al. 2018).

As mães que participaram da pesquisa, em média, tiveram um filho antes da atual gestação ($\mu = 0,79 \pm 1,12$). A quantidade de filhos nascidos anteriormente teve variação entre zero e oito. Quanto ao peso do recém-nascido a variação foi entre 2.500kg e 4.845kg, tendo média de 3.147,12kg \pm 455,63g. Referente ao tempo de gestação, as mães tiveram no mínimo 36 semanas, no máximo, 50 semanas e em média quase 40 semanas.

A faixa etária predominante entre as mulheres que participaram do estudo foi entre 19 a 23 anos, 134 (32,45%). Em se tratando da escolaridade, verificou-se que 151 (36,56%) das mulheres concluíram o 2º grau e 123 (29,78%) não concluíram o 1º grau.

Quanto à renda mensal 179 (43,34%) mulheres recebiam até um salário mínimo e as demais tinham renda que varia entre um e dois salários mínimos. A maior parte das participantes declarou ser amasiada (260 ou 62,95%). 74 mulheres declararam que trabalham fora de casa (17,92%), sendo que desse total 51 (12,35%) trabalham com carteira assinada.

No referido estudo a idade da mãe se mostrou um fator primordial de proteção ao AM, sendo que as mulheres com mais de 30 anos amamentaram por um período maior, provavelmente por terem mais conhecimento e certa experiência, devido já ter amamentado anteriormente. Este dado corrobora com o estudo realizado por Frota et al. (2016) o qual salienta que as mulheres mais velhas amamentam por um período maior, principalmente em se tratando de aleitamento materno exclusivo.

Essas mães entendem a importância do aleitamento materno exclusivo e buscam o melhor para seus filhos, por isso valorizam as ações que promovem a amamentação, como as informações de enfermagem sobre os benefícios de tal prática.

Os estudos realizados mostram resultados controversos no que se refere a idade materno como fator de proteção ao aleitamento materno exclusivo. A pesquisa feita por Asemahagn (2016) salientam que são as mulheres com mais de 30 anos, já o estudo de Souza et al. (2012) menciona a idade acima de 35 anos e Asfaw; Argaw; Kefene (2015) citam a idade entre 25 a 35 anos.

Na maioria dos estudos o nível de escolaridade se mostrou como um fator primordial de proteção à amamentação. Entende-se que as mulheres que possuem pouca instrução não tem conhecimento da importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida, por desconhecerem o valor nutritivo e calórico do leite materno para o bebê e dos nutrientes que favorecem o bom crescimento e desenvolvimento.

O estudo de Campos et al. (2015) revelou que entre as mulheres com mais nível de instrução há maior prevalência de cessação do aleitamento materno exclusivo. A explicação para esta afirmação é que as mulheres que possuem um nível maior de escolaridade tem mais chance de trabalhar fora de casa, assim, precisam retornar ao trabalho o que acaba promovendo o desmame precoce.

Para Campos et al. (2015) nem sempre o fato da mulher trabalhar fora de casa contribui para que o aleitamento materno exclusivo seja interrompido, pois muitas mães que permanecem em casa oferecem outro tipo de leite nos primeiros meses de vida da criança. Para o autor essas mulheres que não possuem vínculo empregatício podem ser menos informadas quanto à importância do aleitamento materno, por isso estão mais propensas a deixarem de amamentar.

O estudo de Campos et al. (2015) contradiz os estudos de Asemahagn (2016) e de Tewabe et al. (2017) que afirmam que o não trabalhar fora de casa é um fator positivo para o aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses.

O resultado deste estudo de Margotti e Margotti (2017) chama a atenção para o fato de que quando a mulher tem o apoio do companheiro relativo à amamentação ela amamenta por mais tempo. Tal apoio é importante e

necessário, pois influenciará positivamente tanto na decisão de amamentar quanto na duração do aleitamento materno exclusivo. Essa afirmação também foi feita no estudo de Tewabe et al. (2017).

Portanto, de acordo com o estudo a estabilidade conjugal dos pais foi considerada um fator positivo para o aleitamento materno exclusivo. É importante quando os pais entendem a importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida. Essa prática trará benefícios para o recém-nascido e para os pais.

O que se entende é que mulheres bem orientadas pela equipe de enfermagem tem mais possibilidade de ter sucesso na amamentação, pois o conhecimento fará com que a mulher tenha confiança e segurança ao amamentar, sendo que a autoeficácia é um fator de motivação.

O contato direto da mãe com o recém-nascido nas primeiras horas de vida, colocando-o para sugar é um fator preponderante para o sucesso da amamentação.

Diferentes aspectos podem fazer com que não aconteça a amamentação exclusiva durante os seis primeiros meses, por isso é tão importante que a gestante faça o acompanhamento durante o pré-natal.

Durante o acompanhamento poderá acontecer intervenções que favorecerá que as mães tenham acesso a informações fundamentais a respeito do aleitamento materno, também ajudará a compreender os diferentes aspectos que envolvem o processo de amamentação com a finalidade de evitar possíveis dificuldades que possam surgir após o nascimento do bebê. Importante ressaltar que as orientações contribuem pra fortalecer a confiança da mãe quanto ao ato de amamentar, dando-lhe a certeza de que possui capacidade para a amamentação (ASFAW; ARGAW; KEFENE, 2015).

A dor mamilar que ocorre nas primeiras semanas de amamentação é um dos motivos para o desmame precoce. Portanto, durante este período o acompanhamento com profissionais da saúde é extremamente importante. Quando o problema se agrava é que as mulheres resolvem pedir ajuda, pois inicialmente consideram tratar-se de algo normal. Neste momento cabe ao profissional, o enfermeiro, orientar a mulher sobre as medidas a serem tomadas

para que não ocorra o desmame precoce por falta de orientação (VICTORA et al., 2016).

Dois fatores são fundamentais para a promoção do aleitamento materno exclusivo: recebimento do leite materno nas primeiras horas de vida e alojamento conjunto na maternidade, ou seja, mãe e filho juntos no quarto. Sabe-se que o vínculo entre mãe e filho é estabelecido na sala de parto e quando a lactação é estimulada ainda na maternidade faz com que o aleitamento materno aconteça por mais tempo (CAMPOS et al., 2015).

Frota et al. (2016) realizou um estudo no qual avaliou recém-nascidos na região sudeste do Brasil. De acordo com o estudo 80% dos bebês com até 15 dias de vida receberam o aleitamento materno exclusivo. Entre quatro e cinco meses o índice foi de 21,2%. Dessas crianças observadas 51,2% nasceram em hospitais credenciados como Instituição Hospital Amigo da Criança, 30% dos nascimentos ocorreram em hospitais que não possuem esse título e 18,8% nasceram em hospitais que estão em processo de receber o título.

O estudo mostra que se o nascimento ocorrer em Hospital Amigo da Criança aumenta a possibilidade da criança receber aleitamento materno exclusivo por mais tempo.

Já foi visto que o leite materno consiste no melhor alimento capaz de promover e proteger a saúde do bebê, apresentando inúmeros benefícios nutricionais, cognitivos, imunológicos, sociais, econômicos e até emocionais. Tais benefícios podem ser bem aproveitados quando o aleitamento materno é exclusivo nos seis primeiros meses de vida da criança e sendo complementados por outros alimentos até os dois anos de vida, segundo o recomendado pela OMS (CARVALHO et al., 2018).

Vale ressaltar que o ato de amamentar também traz benefícios importantes para a saúde reprodutiva de quem amamenta. A prática frequente com mamadas demoradas colabora para preservação da saúde da mulher ao aumentar o tempo entre gestações e partos (SANTOS, 2018).

O estreitamento de vínculo com os pacientes é uma das principais ferramentas do profissional de saúde que proporciona melhor qualidade de vida para quem está recebendo atendimento. Em se tratando de mulher que está

amamentando o apoio da equipe de enfermagem é fundamental para promoção do aleitamento materno. Assim, as orientações recebidas pelo enfermeiro possibilitará que as mães tenham sucesso no processo de amamentação, em especial nos seis primeiros meses de vida (COCA et al. 2018).

CONSIDERAÇÕES

Mesmo com todo o incentivo ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida os estudos mostram que ainda é baixo o número de mulheres que amamentam seus filhos sem incluir outros alimentos nos seis primeiros meses. Por isso é tão importante às orientações de enfermagem no incentivo ao aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida.

Apesar das campanhas de promoção do aleitamento materno exclusivo muitas mulheres desconhecem a importância do leite materno para o recém-nascido, por isso incluem outros tipos de leite logo nos primeiros dias após o nascimento.

É muito importante que os profissionais da enfermagem estejam atentos às dúvidas e reforcem as orientações sobre amamentação ainda no pré-natal para que as futuras mães sintam-se confiantes no momento da amamentação.

As principais orientações são: a amamentação reforça o fortalecimento do vínculo entre mães e filho, é prático e econômico, serve como método de anticoncepção, faz com que a mulher volte ao peso mais rápido, contribui para que o útero volte ao tamanho normal mais rápido.

REFERÊNCIAS

ASEMAHAGN, M. A. Determinants of exclusive breastfeeding practices among mothers in azezo district, northwest Ethiopia. **International Breastfeeding Journal**, Londres, v. 11, n. 22, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4971749/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

ASFAW, M. M.; ARGAW, M. D.; KEFENE, Z. K. Factors associated with exclusive breastfeeding practices in Debre Berhan District, Central Ethiopia: a cross sectional community based study. **International Breastfeeding Journal**, Londres, v. 10, n, 23, 2015.

BARBOSA, G, E. F. et al . Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife , v. 18, n. 3, p. 517-526, set. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292018000300517&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 de agosto 2019.

CARVALHO, M. J. L. N. et al. Primeira visita domiciliar puerperal: uma estratégia protetora do aleitamento materno exclusivo. São Paulo: **Rev. Paul Pediatr** 2018. 66-73.

CAMPOS, A. M. S. et al. Prática de aleitamento materno exclusivo informado pela mãe e oferta de líquidos aos seus filhos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 283-290, mar./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n2/pt_0104-1169-rlae-23-02-00283.pdf>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

COCA, K. P. et al. Conjunto de medidas para o incentivo do aleitamento materno exclusivo intra-hospitalar: evidências de revisões sistemáticas. **Rev Paul Pediatr**. 2018;36(2):214-220.

DADALTO, E. C. V.; ROSA, E. M. Conhecimentos sobre benefícios do aleitamento materno e desvantagens da chupeta relacionados à prática das mães ao lidar com recém-nascidos pré-termo. **Rev Paul Pediatr**. 2017;35(4):399-406.

FERNANDES, V. M. B. Conduas de gestores relacionadas ao apoio ao aleitamento materno nos locais de trabalho. Santa Catarina. **Texto Contexto Enferm**, 2016; 27(3)

FERREIRA, H. L. O. C, et al. Fatores Associados à Adesão ao Aleitamento Materno Exclusivo. **Ciênc. saúde colet**. 23 (3) Mar 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292018000300517&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 de agosto 2019.

FROTA, M. A. et al. Interfaces of the discontinuation of breastfeeding. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 38, n. 1, p. 33-38, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/viewFile/28514/pdf>>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

MARGOTTI, E.; EPIFANIO, M. Aleitamento materno exclusivo e a escala de autoeficácia na amamentação. **Revista Rede de Enfermagem do Nordeste, Fortaleza**, v. 15, n. 5, p. 771-779, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/286852452_Exclusive_maternal_breastf>

eeding_and_the_Breastfeeding_Self-efficacy_Scale>. Acesso em: 04 de agosto de 2019.

MARGOTTI, E.; MARGOTTI, W. **Fatores relacionados ao Aleitamento Materno Exclusivo em bebês nascidos em hospital amigo da criança em uma capital do Norte brasileiro.** Saúde debate | Rio de Janeiro, v. 41, n. 114, p. 860-871, Jul-set 2017.

MEDEIROS, A. M. C. et al. Acompanhamento fonoaudiólogo do aleitamento materno em recém-nascidos nas primeiras horas de vida. **Audiol Commun Res.** 2017; 22:e1856.

MINAGAWA, A. T. et al. **Perfil do aleitamento materno em menores de 2 anos na cidade de Itupeva, SP, Brasil.** ALAN.[Internet]. 2005 ;55(2):132-9. Disponível em: http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-06222005000200005. Acesso em: 26 de agosto de 2019.

OLIVEIRA, M. G. O. A et al. Fatores associados ao aleitamento materno em dois municípios com baixo índice de desenvolvimento humano no Nordeste do Brasil. **Rev Bras Epidemiol.** [Internet].2013 16(1):178-89. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2013000100178. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

RIGOTTI, R. R.; OLIVEIRA, M. I. C.; BOCCOLINI, C. S. Associação entre o uso de mamadeira e de chupeta e a ausência de amamentação no segundo semestre de vida. **Ciênc Saúde Coletiva.** [Internet]. 2015 [Acesso 9 set 2016];20(4):1235-44. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000401235&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. ISSN 1413-8123. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

ROLLINS, N. C. et al. **Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices?** Lancet. [Internet].2016 387:491–504. Available from: [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)01044-2/abstract?showall=true](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)01044-2/abstract?showall=true) Acesso em: 03 de agosto de 2019.

SANTOS, Z. B. Benefícios do Aleitamento Materno Exclusivo para o Lactente e para a Nutriz até o Sexto Mês. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 03, Ed. 07, Vol. 02, pp. 84-109, Julho de 2018.

SOUZA, S. N. D. H. et al. Prevalência de aleitamento materno e fatores associados no município de Londrina-PR. **Acta Paulista Enfermagem,** São Paulo, v. 25, n. 1, p. 29-35, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n1/v25n1a06.pdf> >. Acesso em: 28 de julho de 2019.

TEWABE, T. et al. Exclusive breastfeeding practice and associated factors among mothers in Motta town, East Gojjam zone, Amhara Regional State, Ethiopia, 2015:

a cross-sectional study. **International Breastfeeding Journal**, Londres, v. 12, n. 12, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28261318>>. Acesso em: 05 de agosto de 2019.

TORYIAMA, Á. T. M. et al. Aleitamento materno: o que mudou após uma década? **Rev. Latino-Am. Enfermagem** 2017;25:e2941.

VICTORA, C. G. et al. **Breastfeeding in the 21st century**: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *Lancet*. 2016;387:475-90

Recebido em 05/11/2019

Versão corrigida recebida em 15/05/2021

Aceito em 06/09/2021

Publicado online em 15/12/2021

Indexadores: LATINDEX – DIADORIM –SUMARIOS.ORG –
LIVRE – ERIHPLUS – GEODADOS - GOOGLE SCHOLAR